



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
TRABALHO DE CURSO II

(DES)IMPEDIMENTO FORA DE CAMPO:

UMA ANÁLISE HISTÓRICA-LEGISLATIVA DA MULHER NO FUTEBOL

ORIENTANDA – VITÓRIA DE CARVALHO BARROS SILVA

ORIENTADORA – Profa. Dra. FÁTIMA DE PAULA FERREIRA

GOIÂNIA
2023/1

VITÓRIA DE CARVALHO BARROS SILVA

(DES)IMPEDIMENTO FORA DE CAMPO:

UMA ANÁLISE HISTÓRICA-LEGISLATIVA DA MULHER NO FUTEBOL

Monografia Jurídica apresentada na disciplina Trabalho de Curso II, da Escola de Direito e Relações Internacionais, Curso de Direito, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGOIÁS).

Profa. Orientadora – Dra. Fátima de Paula Ferreira

GOIÂNIA
2023/1

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – NOÇÕES GERAIS SOBRE O FUTEBOL NO MUNDO

1.1 A presença feminina no futebol

1.1.1 Contextualização brasileira

CAPÍTULO II – IGUALDADE DE GÊNERO

2.1 A discussão da Equiparação Salarial no esporte

2.1.1 No futebol sob a tangente feminina

2.2 O Precedente Norte-Americano

CAPÍTULO III – AVANÇOS LEGAIS, CULTURAIS E SOCIAIS

3.1 Os efeitos do Estatuto FIFA na Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

3.2 “Lances” Históricos

3.2.1 Final feminina da Eurocopa: Inglaterra x Alemanha e o protagonismo na história do futebol

3.2.1.1 A Presença feminina na *Premier League*: um estudo de caso do *Chelsea*

3.2.2 Brasileirão Feminino Neoenergia

3.3. A Copa do Mundo de Futebol

3.3.1 A influência das atletas na Copa do Mundo Feminina de 2019 fora dos gramados

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

SUMÁRIO

1 RESUMO/ABSTRACT.....	04
2 INTRODUÇÃO	05
3 NOÇÕES GERAIS SOBRE O FUTEBOL NO MUNDO.....	08
3.1 A presença feminina no futebol.....	08
3.1.1 Contextualização brasileira.....	12
4 IGUALDADE DE GÊNERO	14
4.1 A discussão da Equiparação Salarial no esporte.....	14
4.1.1 No futebol sob a tangente feminina.....	15
4.2 O Precedente Norte-Americano	17
5 CAPÍTULO III – AVANÇOS LEGAIS, CULTURAIS E SOCIAIS.....	21
5.1 Os efeitos do Estatuto FIFA na Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF).....	21
5.2 “Lances” Históricos.....	23
5.2.1 Final feminina da Eurocopa: Inglaterra x Alemanha e o protagonismo na história do futebol.....	24
5.2.1.1 A Presença feminina na <i>Premier League</i>: um estudo de caso do <i>Chelsea</i>.....	26
5.2.2 Brasileirão Feminino Neoenergia.....	28
5.3. A Copa do Mundo de Futebol.....	30
5.3.1 A influência das atletas na Copa do Mundo Feminina de 2019 fora dos gramados.....	31
6 CONCLUSÃO	36
7 REFERÊNCIAS	38

RESUMO

Análise atemporal dos problemas que contornam o futebol e sua problemática a respeito da equiparação salarial, variado à uma situação complexa e intransigível, e fundada precipuamente nos preconceitos e ideais conservadores a respeito da presença da mulher na sociedade. De modo que, esse trabalho elencou essa presença feminina e seus efeitos no futebol dentro e fora de campo, além da contextualização histórica brasileira, à luz dos avanços culturais em relação a legislação desportiva, e os efeitos das reivindicações das jogadoras fora de campo. Isso porque um dos principais movimentos das equipes futebolísticas apoiaram-se no embate pela equidade salarial de homens e mulheres, tendo em vista a diferença infinitamente maior deles em relação a elas, apesar dessa mesma diferença não ser idêntica em termos de lucro em competição. De maneira a trazer ao norte uma pesquisa de natureza aplicada, pesquisa bibliográfica e método histórico comparativo, pela interpretação sistemática de acontecimentos pretéritos em relação a generalizações para a investigação da efetividade de leis, regulamentos, estatutos de entidades desportivas, federações e confederações, e conclusões no discurso relativo à causa, efeitos ou tendências de ocorrências. Além de um processo metodológico de dogmática jurídica, específico da ciência do Direito Desportivo. Destarte, pôde-se observar o futebol como uma prática humana e pertencente também às mulheres, sob um caminho longo, mas já iniciado em torno do conceito de gênero e as desigualdades neles contidas. E, por vezes, trazido em pauta por um discurso de empoderamento capaz de gerar mudanças significativas nos gramados e fora deles. Agindo em forma pela força incessante e firme de mulheres envolvidas no futebol e suas apoiadoras, para impactos midiáticos, legislativos, culturais e institucionais.

Palavras-chaves: futebol feminino; equiparação salarial; reivindicações.

ABSTRACT

Timeless analysis of the problems that surround football and his problem regarding salary equality, varied to a complex and intransigible situation, and based primarily on prejudices and conservative ideals regarding the presence of women in society. Therefore, this work listed this female presence and its effects on football in and off the field, in addition to the Brazilian historical context, light of cultural advances, relation to sports legislation, and the effects of the claims of the players off the field. This is because one of the main movements of football teams was based on the fight for equal pay for men and women, in view of their infinitely greater difference in relation to them, despite this same difference not being identical in terms of profit in competition. In order to bring to the North a research of an applied nature, bibliographical research and comparative historical method, through the systematic interpretation of past events in relation to generalizations for the investigation of the effectiveness of laws, regulations, statutes of sports entities, federations and confederations, and conclusions in discourse relating to the cause, effects, or trends of occurrences. In addition to a methodological process of legal dogmatics, specific to the science of Sports Law. Thus, it was possible to observe football as a human practice and also belonging to women, under a long path, but already started around the concept of gender and the inequalities contained therein. And, sometimes, brought to the fore by an empowerment discourse capable of generating significant changes on and off the pitch. Acting in shape by the incessant and firm strength of women involved in football and their supporters, for media, legislative, cultural and institutional impacts.

Keywords: women's soccer; salary equalization; claims.

INTRODUÇÃO

Sempre foi um desafio. A trajetória feminina na luta pela conquista por seu espaço na sociedade é algo histórico. A autora Érika Araújo (2021, p. 17) ressalta que, desde o século XVIII, com os primeiros registros do movimento feminista, as mulheres têm enfrentado inúmeras adversidades na busca pela igualdade de gênero.

A equiparação salarial no esporte é um problema atemporal. Em específico no futebol, todo o percurso pelo respeito e aceitação foi complexo, além de extremamente intransigível. Desde o preconceito enraizado em ideais conservadores a respeito do “lugar” da mulher perante a sociedade, até a efetiva proibição de sua participação à luz de suposições de “feminilização”, foram transformadores para que seu caminho no futebol feminino fosse árduo.

Já diante da nação brasileira reconhecida como “o país do futebol”, dona de títulos mundiais e revelações de jogadores mundialmente conhecidos, é também um ambiente marcado pela desigualdade de gênero, por uma enorme falta de apoio e estrutura para sua seleção feminina de futebol. Muito dessa inoperância com o futebol feminino foi reforçada por todos esses anos em vista de discursos patriarcais e estruturas de poder que impediam o seu progresso na luta do direito de participação e oportunidade no futebol. Hoje, essa inserção feminina no esporte, como um todo, tem possibilitado melhorias, mas ainda é um longo a ser percorrido.

O futebol feminino no Brasil é uma longa história de luta contra a exclusão e intolerância. Existiram leis que proibiam as mulheres de praticar esportes que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em meio a toda essa problemática, o Estado era ainda um interveniente que agia sob justificativa de proteger a maternidade e vida das futuras gerações de brasileiros.

Já em solo norte-americano, o futebol feminino sempre esteve um passo à frente. Desde os inúmeros incentivos nos esportes, a começar na escola, as mulheres puderam participar e se qualificar propriamente para as competições. O futebol feminino, na modalidade *soccer*, sempre guardou superioridade ao masculino, mesmo diante de sua pouca popularidade, visto que outros esportes como o basquete, golfe e futebol americano, possuem maior destaque nos EUA.

As norte-americanas colecionam inúmeras medalhas, vitórias e troféus na modalidade. Esse esporte foi ainda a porta de entrada de atletas mundialmente conhecidas, e hoje, extremamente influentes no meio e fora dele. São formadoras de opiniões relevantes na política, na sociedade, e em diversos outros meios. Ainda, são posicionamentos que possuem sempre uma enorme repercussão na mídia, e garantem mudanças significativas pelo seu posicionamento.

Um dos principais movimentos dessas atletas é a reivindicação pela equidade salarial de homens e mulheres que jogam futebol. Isso porque, a diferença do que os homens recebiam em relação as mulheres era infinitamente maior, apesar do futebol feminino gerar lucros absurdos na modalidade, ou até mesmo, serem influentes em quase todas as indicações de premiação futebolística.

Um exemplo de luta e notoriedade dentro e fora de campo, é a jogadora Megan Rapinoe, atleta norte-americana e uma das capitãs da seleção dos Estados Unidos. Em 2019, Megan recebeu a maior premiação feminina no futebol, o prêmio Bola de Ouro. Uma honraria concedida anualmente para a considerada melhor jogadora da temporada, entregue pela segunda vez em sua história. Ainda, Megan foi considerada como a maior artilheira e melhor jogadora da Copa do Mundo da França, atingindo o que se pode chamar de “ápice” na carreira de qualquer jogador ou jogadora de futebol.

Em compasso, no Brasil o destaque é a jogadora Marta, que dentre avanços e reivindicações, tem conquistado inúmeras vitórias fora de campo. O grito silencioso da jogadora por medidas de valorização do futebol tem surtido efeitos midiáticos e regulamentares em patrocínios e salários mais justos ao futebol feminino.

Em território norte-americano, o ensejo pela mudança das condições foi o pontapé inicial de um processo judicial que angariou uma decisão para firmar a equiparação monetária de premiações na categoria, tanto na modalidade masculina, tanto no feminina.

Esse precedente abriu margem para a discussão mundial do tratamento salarial que as mulheres têm recebido, até mesmo longe do futebol. Essa é uma das principais razões que norteiam esse estudo: a atualidade e a problemática salarial no mundo.

Conclui-se que, por ser uma tema atual e relevante, esse trabalho abordará o caminho arduo e imensamente difícil que as mulheres percorreram desde primórdios da história até os dias atuais, com a recente vitória perante o judiciário americano. Mais uma, dentre as tantas conquistas que abrem caminho ao progresso, mas que, nem remotamente, finaliza a discussão da presença da mulher no futebol.

Esse trabalho teve por objetivo geral observar e dissertar a maneira pela qual a análise histórica da presença da mulher no futebol é refletiva dentro e fora de campo. E por objetivos específicos: contextualizar historicamente, em âmbito brasileiro, a presença da mulher no futebol, investigar a igualdade de gênero analisando uma possível equiparação salarial, analisar os avanços e culturais em relação na legislação desportiva, observar a maneira pela qual as reivindicações das jogadoras têm surtido efeitos fora de campo.

As dúvidas levadas à interesse pelo tema foram: quais são os impactos históricos da presença da mulher no futebol como explicação da sua atual projeção? À luz do esporte, quais são os efeitos do precedente norte-americano para a discussão da equiparação salarial no mundo?

A metodologia utilizada na pesquisa será de natureza aplicada, com a solução de problemas específicos à abrangência do direito em seara feminina. A pesquisa bibliográfica, bem como o método histórico comparativo, na interpretação de acontecimentos do passado com generalizações para a investigação da efetividade de leis, regulamentos, estatutos de entidades desportivas, federações e confederações, e conclusões relativas à causa, efeitos ou tendências de ocorrências. Por fim, o processo metodológico da dogmática jurídica, específico da ciência do direito e baseado na legislação, doutrina, jurisprudência do Direito Desportivo.

CAPÍTULO I

NOÇÕES GERAIS SOBRE O FUTEBOL NO MUNDO

1.1 A presença feminina no futebol

O esporte é símbolo da cultura, da identificação, da diversidade e do entretenimento, mas mais que isso, é um fator comum de paixão pelo povo. O futebol, como um dos seus principais expoentes, abarca em características de pluralidade alcançadas mundialmente, e que apesarem de tamanha retenção, há em todos os fatores o mesmo componente: a imensa polarização de gênero, que não obstante as demais dificuldades inerentes à um esporte, são dificuldades que atrapalham o trajeto pela equidade.

Toda a trajetória do futebol feminino foi de constante luta e resistência contra preconceitos, estigmas e dogmas que trilharam um caminho de extrema dificuldade de reconhecimento, principalmente porque por muito tempo foram proibidas de jogar, até mesmo em reflexo de dentro de campo das situações de desigualdade que viviam fora dele.

Historicamente, a autora Marina Broch (2021, p.02) observa que o futebol era uma prática exclusiva da elite, de homens brancos e ricos, e que por isso e apesar de percalços meteóricos, sempre foi uma restrição demarcada pela desigualdade entre gêneros, desde o desenvolvimento da prática até as conquistas realizadas.

No entanto, essa limitação nem sempre foi respondida com pacificidade, isso porque, a autora Mayara Cristina (2021, p.26) disserta que desde o

início da padronização das regras, em 1863, as mulheres demonstravam interesse pelo mundo futebolístico, ainda que não bem-vindas.

A limitação se teve mesmo em solo europeu, que apesar de um crescimento exponencial do sucesso das mulheres nas partidas – vide a competição *Dick Kerr Ladies Football Club* com partidas beneficentes – não fora possível de evitar uma proibição de times de futebol feminino.

Muitas vezes esse percurso de resistência era baseado em preceitos de que a mulher não poderia praticar desportos que fossem incompatíveis com sua natureza feminina, por exigirem um esforço demasiado que atrapalhava a naturalidade reprodutora, como instituto próprio para ser mãe.

Sabe-se que o autor Pierre Coubertin (1938, p.46) era um defensor ativo dessa tese, isso porque acreditava fielmente que a inserção das mulheres no esporte, especialmente nas competições como as Olimpíadas poderia criar uma espécie de vulgarização de um ambiente tão repleto de conquistas e realizações masculinas. Conforme o autor supracitado elucida:

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra especie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetaculo, não há razão alguma para condenal-os. Ver-se-á, então, o que delles resulta. Talvez as mulheres comprehenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir intelligentemente a educação physica dos seus filhos.

Dessa forma, nota-se que desde os primórdios do futebol em consonância aos primeiros registros do movimento feminista, as mulheres têm enfrentado inúmeras adversidades na busca pela igualdade de gênero no esporte, especialmente no futebol.

A autora Érika Alfaro (2021, p.17) relata ainda que nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos na Grécia, elas nem mesmo eram autorizadas a assistir às competições. Hoje, mesmo com notável progresso, ainda não há que se falar da existência de igualdade nos torneios competidos por mulheres e homens.

Apesar da especificação em atletas, a modalidade esportiva não carrega distinção em suas regras, regulamentos, códigos desportivos, e nem mesmo

em seus objetivos. Assim, designar um “futebol de mulheres”, talvez seja uma ação, no mínimo, injusta, tendo em vista ser o esporte um fator universal e impróprio de ser qualificado, isso porque o futebol é um exemplo de esporte formado em diversos planos, seja ele na prática, ou em esferas sociais, políticas e financeiras.

Nessa busca constante pela inserção do espaço feminino, diversos são os termos das quais se idealiza. Na visibilidade, o futebol feminino não embarca nas mesmas condições do masculino, isso porque não existe essa mesma busca midiática por ambos, além dos patrocínios e remunerações não estarem, nem remotamente, perto da mesma realidade.

Apesar de distante, aos poucos isso tem sido mudado.

Isso porque, a autora disserta ainda que a mídia tem garantido, recentemente, um poder de legitimação do posicionamento feminino como atleta no futebol, indo em contraposição à suposta lógica universal vigente, e reinterpretando o esporte e contexto esportivo como um lugar de múltipla representação e aceitação.

O mundo esportivo sempre teve suas definições em vista de um universo masculino. Essa naturalização tem sido superada com o surgimento de movimentos feministas, e sua incessável busca por direitos básicos e questionamentos acerca de seu “lugar” devido em sociedade, sempre enfrentando barreiras patriarcais pelo seu direito de ser atleta. Miragaya (2002, p.04) ressalta: “Elas não podiam competir ou participar em atividades físicas similares porque se pensava que a mulher era muito delicada e frágil, tendo que se restringir à vida doméstica e levar um estilo de vida passivo”.

A escritora Mayara Cristina (2021, p.26) dispõe também que a dificuldade das mulheres ao futebol seria como uma punição de não acessar até mesmo um direito constitucionalmente previsto – lazer, em direitos sociais.

É por assim dizer que, sua posição em sociedade cria sentidos diferentes da palavra *impedimento* adotado dentro de campo, isso tendo em vista que no universo futebolístico a regra criada em 1863 impede certos lances que tiram a dinamicidade do esporte, tal como um gol marcado fora dos limites e posicionamentos entre si permitidos.

No entanto, é fora de campo que o esporte realmente perde as noções de dinamicidade e ganha verdadeiramente uma exclusão para a categoria feminina, à luz das inúmeras as barreiras historicamente presentes na modalidade e resumidamente nas palavras da autora Mayara Cristina (2021, p.26):

Barreiras que tanto dificultam alcançar um objetivo (o gol) quanto reafirmam preconceitos. (...) Impedimentos, barreiras e cartões vermelhos (exclusões) são situações recorrentes na história das mulheres na modalidade e revelam disputas dentro e fora de campo e em diferentes atuações: torcendo, jogando, arbitrando, comandando, narrando, comentando, gerindo, entre outras.

Dessa forma, mesmo que diante de um caminho de precedentes de exclusão, há ainda a resistência. De acordo com a autora Cíntia Barlem (2018, p. 01), a primeira partida oficial entre mulheres foi disputada no dia 23 de março de 1885, em Crouch End, Londres, Inglaterra. Na ocasião, a partida tão remotamente realizada já demonstrava e certamente comprovava que o lugar da mulher sempre foi onde ela quisesse que fosse. A disputa fora entre dois times que se dividiam nos dois polos do país: Norte e Sul, representando as duas partes mais distantes da cidade.

Um relato jornalístico da época marcou esse momento histórico, conforme esclarece o site Wikipedia (2017, p.01):

Verdade, jovens homens correriam mais e bateriam mais forte, mas, além disso, eu não posso acreditar que eles mostrariam qualquer outro conhecimento maior ou habilidade na execução. Eu não penso que o futebol feminino deva ser extinto por causa de importantes artigos escritos por velhos homens sem simpatia por tanto pelo futebol como um jogo quanto pelas aspirações de jovens mulheres. Se o futebol feminino morrer, será uma morte difícil.

Em compasso, foi também em Londres a fundação do primeiro clube desportivo britânico chamado o *Ladies Football Club*, em 1894 por Nettie Honeyball, uma ativista dos direitos da mulher no esporte, que agiu em vista da liberdade de espaço e existência da mulher, dentro e fora de campo, mesmo que nem sempre essa emancipação fosse reconhecida. Conforme elucida o site Wikipedia (2017, p.01):

Lady Florence Dixie desempenhou um papel fundamental na criação do jogo, organizando jogos de exposição para caridade, e em 1895 ela se tornou presidente da British Ladies' Football Club, estipulando que "as jovens devem entrar no espírito do jogo com o coração e a alma." Ela providenciou uma turnê para a Escócia da equipe de futebol de Londres.

A criação desse espaço para a mulher teve muito de sua glória pela Primeira Guerra Mundial. A superlotação nos estádios e o crescimento da presença da mulher nas fábricas, tendo a vista a ida dos homens para o campo de batalha foram fatores fortes nessa implementação, inclusive no já citado *Dick Kerr Ladies Football Club*. Assevera o site Wikipedia (2017, p.02):

A Primeira Guerra Mundial, foram a chave para a superlotação de futebol feminino na Inglaterra. Porque muitos homens foram para o campo de batalha, já a mulher foi introduzida na força trabalhadora. Muitas fábricas

tiveram suas próprias equipes de futebol que até então eram privilégio de homens.

A mais exitosa destas equipes existe foi Dick, Kerr's Ladies of Preston, Inglaterra. A equipe foi bem-sucedida, atingindo resultados como os de um jogo contra uma equipe escocesa que levou um "chocolate" de-0. A equipa Dick, Kerr era a mais famosa da Inglaterra, chegando a atrair mais de 50 mil espectadores no Boxing Day de 1920.

No entanto, o sucesso foi paralisado no pós-guerra, mas não em perfeita pacificidade de mulheres que já tinham iniciado sua jornada no esporte, nota-se pelos ensinamentos do site Wikipedia (2017, p.02):

Em 1921, a guerra já tinha acabado há três anos, as provas de futebol masculino estavam de regresso e a dinâmica imposta pelas mulheres era sentida mais como uma ameaça do que algo complementar. A Federação Inglesa de Futebol sentiu o novo paradigma e, pressionada por vários quadrantes, precipitou-se numa decisão que arrasou o crescimento da modalidade nas ilhas britânicas. Com o fim da guerra, entenderam que já não havia motivo lógico para que mulheres continuassem a praticar um desporto que se via como masculino. Por isso, a 5 de dezembro, a direção decidiu banir qualquer prática de futebol feminino nos estádios.

Isto levou à formação da English Ladies Football Association (Associação Inglesa de Futebol Feminino) cujo início foi difícil devido ao boicote da FA que levou mesmo a mulheres a jogarem em estádios de Rugby.

Alcançando resultados muito promissores, em conclusão sintetizada pelo site Wikipedia (2017, p.03):

Após a Copa do Mundo 1966, o interesse dos amadores cresceu de tal forma que a FA decidiu voltar atrás e em 1969 criou o ramo feminino da FA. Em 1971, a UEFA instruiu seus respectivos parceiros a gerir e promover o futebol feminino e na Europa ele foi consolidado nos anos seguintes. Assim, países como a Itália, E.U.A. e o Japão têm ligas profissionais cuja popularidade não inveja o que é atingido pelos seus similares do sexo masculino.

Dessa forma, Mayara Cristina (2021, p.26) nos direciona no sentido de que, o futebol, dentro e fora de campo é compelido por barreiras e dificuldades impostas às mulheres que as cercam como um contrapeso da vitória esportiva, de tal maneira que, uma mera análise histórica já é capaz de gerar indícios e explicações pelo resultado atual. E finaliza pela afirmação de que essas barreiras são entes dominantes no alcance do sucesso, seja ele um gol, quando dentro de campo, ou um respeito, quando fora dele – objetivos que certamente se misturam.

1.1.1 Contextualização brasileira

Depreende-se de um estudo aprofundado da autora Caroline Almeida (2019, p.02) que o futebol feminino no Brasil teve seus contornos marcados por um caminho de intolerância e discriminação, dentre aspectos culturais, sociais e até mesmo legais. Sabe-se que por três décadas as mulheres estiveram proibidas de praticarem futebol, inclusive por lei que previa que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Todo esse compasso fora registrado por uma espécie de intervenção estatal que regulava, e no caso das brasileiras limitava, a liberdade de trabalho e pertencimento dentro e fora de campo. Isso porque, ao longo da história, é perpetuado as ideias de maternidade como algo inerente às mulheres, e por isso, criavam-se supostos “cuidados” com seus corpos.

A autora Caroline Almeida (2019, p.03) ressalta que fora de campo também havia determinações proibitivas como nos casos de trabalhos industriais e/ou comerciais como atividades nocivas, perigosas e insalubres. Todo esse caminho fora trilhado principalmente em solo Vargasista, que objetivava a criação de medidas que “protegeriam” as mulheres dessas carreiras inadequadas à moralidade e feminilidade.

Em contraponto, em 1979, o futebol feminino teve seus primeiros passos. Já não era proibido a prática, mas era limitada, os jogos não poderiam ocorrer em campos oficiais e nem mesmo ser arbitrados por juízes federados. A autora Caroline Almeida (2019, p.04) revela que a verdadeira anistia ocorreu em 1983 com a regulamentação do Futebol Feminino por exigência da FIFA.

É por assim dizer que, a história é um fator fundamental no entendimento do futebol, principalmente feminino. Isso porque todo o seu caminho é marcado por fatores sociais dentre raça e classe social, mas principalmente de gênero. No Brasil essa realidade não é diferente, mesmo depois de mais de 30 (trinta anos) da instituição da paridade introduzida pela FIFA no futebol mundial, as mulheres têm sofrido os resquícios das ações legais e governamentais datadas de quase 100 (cem) anos atrás, e por isso sua luta é necessária – precipuamente por também ser atual.

CAPÍTULO II

IGUALDADE DE GÊNERO

2.1 A discussão da Equiparação Salarial no esporte

No Brasil, constitucionalmente, é vedado desde a promulgação de 1988 a diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil, por meio do seu artigo 7º, XXX. O autor Renan Assis (2013, p.29) destaca que a Consolidação das Leis Trabalhistas, em seu artigo 461, prevê a equiparação salarial, sob determinados requisitos, entre requerente e paradigma.

E ressalta as palavras de Godinho (2008, p.789):

Equiparação salarial é a figura jurídica mediante a qual se assegura ao trabalhador idêntico salário ao do colega perante o qual tenha exercido simultaneamente, função idêntica na mesma localidade, para o mesmo empregador. A esse colega dá-se o nome de paradigma (ou espelho) e ao trabalhador interessado na equalização confere-se o epíteto de equiparado. Designam-se, ainda, ambos pelas expressões paragonados e comparados.

Assim, pelo desempenho da mesma função é que permite tornar-se claro a necessidade das mesmas proposições. Isso porque, embora no esporte como uma legislação específica não haja a aplicação exata de equiparação salarial entre os jogadores, essa distinção não pode ser expressa unicamente pelo gênero afirmado, mas sim pelas categorias, comparativos, lucros, clubes, desempenho e até mesmo patrocínios.

Dessa forma, mesmo que haja o reconhecimento da distinção salarial entre atletas, tal fato só pode ser aceito se não precedido de circunstâncias que os caracterizam em gênero. Tendo em vista, conforma elucida Renan Assis (2013, p. 29-30) que:

O Jogador desempenha atividade que enquadra em artístico-intelectual e decorrente de peculiar atividade é inviável estabelecer trabalho de igual valor, que é um dos requisitos da configuração da equiparação.

O mundo do futebol é marcado por comparações entre jogadores, sejam eles do mesmo clube ou não; da mesma época de atuação ou não; se jogam no mesmo país, estado ou cidade ou não. Historicamente o futebol é marcado por indagações inconclusivas, como: quem foi melhor jogador, Pelé ou Maradona? Zico ou Tostão? Romário ou Ronaldo? Messi ou Cristiano Ronaldo? São diversas indagações que jamais haverá unanimidade, sendo impossível quantificar o trabalho de cada jogador, já que nem sempre aquele jogador “A”, que tem salário maior que o de “B”, e que jogam na mesma posição, terá desempenho melhor.

Dentro ainda desse raciocínio é mais difícil ainda comparar jogadores de posições diferentes, como por exemplo, um goleiro e um atacante, o que vale mais para o clube, marcar ou evitar gols? Desse modo, frente as peculiaridade da profissão o instituto da equiparação salarial não deve ser aplicado entre jogadores de futebol.

Essa afirmação de que *“frente as peculiaridade de profissão o instituto da equiparação salarial não deve ser aplicado entre jogadores de futebol”*, somente poderá ser assistida em quesitos que avaliem o “valor de mercado” próprio de cada atleta, atentando-se, no entanto, que isso certamente não gerará escopo para figurar enaltecimento do esporte masculino em detrimento do feminino, como se aquele valorasse mais do que esse, em simples pontos de existência.

2.1.1 No futebol sob a tangente feminina

Um estudo complexo e organizado acerca das discrepâncias do futebol em aspecto de gênero pôde demonstrar a problematização da ausência da equidade salarial. Os autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.03) realizaram uma análise avaliativa acerca da atuação feminina e masculina no futebol.

Consideraram, na ocasião que, o futebol masculino apresentava um número bem maior de clubes, e assim, oportunizava que esses jogadores pudessem disputar mais jogos dentro de um único campeonato, algo que destoava completamente da situação das mulheres, tendo em vista a escassez de equipes em vista da masculina.

O estudo dos autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.10) destacou também a igualdade entre a média de gols por minuto jogado tanto para homens, como para também para mulheres. No entanto, essa identidade não prevalecia em relação à remuneração, isso porque, constataram que os homens recebiam em média um salário 85x (oitenta e cinco vezes) maior do que o das mulheres: “Em contrapartida, ao se comparar a remuneração entre homens e mulheres, identifica-se que os homens recebem, em média, € 10.180 por cada minuto jogado, enquanto as mulheres recebem apenas € 120”.

Fato que também prescreve a média em discrepância. Isso porque, os autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.10) chegaram à conclusão de que elas em relação a eles representa apenas 6% (seis por cento) da conjuntura salarial dos jogadores, que chegavam a angariar cerca de 169x (cento e sessenta e nove vezes) a mais do que elas.

Essa distância salarial certamente não representa o desempenho dentro de campo. Pela análise dos autores acima citados (2021, p.10) foi possível arbitrar que as mulheres estão em identidade de eficiência e produtividade por categoria em relação aos homens. À exemplo, destacou-se que, aqueles que disputavam em mesma posição de jogo, como zagueiros, laterais e atacantes estavam em mesmo nível, seja ele masculino ou feminino e considerando pontos como gols e assistências. Um fato certamente não levado em conta quando se fala em valores monetários.

Conforme sintetizaram os autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.10):

Observa-se que todas as mulheres atacantes com essa característica obtiveram eficiência de 100%, enquanto os homens, apenas 57% dos atacantes obtiveram eficiência máxima. Porém, isso não é levado em conta quando se compara esses desempenhos com a remuneração de ambos os gêneros, em que a soma do salário das mulheres atacantes chega a € 914.934,80, e a dos homens, dessa mesma categoria, mesmo não atingindo 100% de eficiência, chega a € 356.712.420; ou seja, as mulheres não chegam a receber 1% do que os homens ganham mesmo obtendo melhores resultados.

O resultado óbvio dessa análise é a evidência de que a equidade entre homens e mulheres dentro e até mesmo fora do futebol está longe de ser considerada como alcançada, tendo o mercado profissional como um mero de fator de reflexo desse fato.

Outrossim, é sempre bom ressaltar as vitórias adquiridas pelo caminho. É fato, e é também visto e declarado no estudo dos autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.12) de que as mulheres conseguiram fortes lugares no mercado de trabalho, dentro e até fora do futebol, e que apesar de não serem equivalentes ainda, já é algo para se celebrar. Claro que, há fatores a serem cumulados para que essa equivalência seja alcançada, desde um aspecto midiático, até aquele basilar de um contrato de trabalho desportivos como a estipulação de termos e normas.

É por assim dizer que, o estudo dos autores Magalhaes, Bonfim, Soares e Silva (2021, p.12) acaba por perdurar-se ao seguinte fato: a visibilidade das mulheres tem aumentado no cenário futebolístico, mas ainda que executem o mesmo trabalho, não recebem a mesma remuneração masculina, principalmente por ainda serem por serem vítimas de uma conjuntura de falta de investimentos e reconhecimentos. No entanto, é notório um crescimento exponencial e constante delas, que, ainda que pequeno, é certamente um avanço a ser destacado não só dentro dos gramados, mas felizmente também fora deles.

2.2 O Precedente Norte-Americano

Essa luta pela equidade salarial no esporte também alcança a seleção feminina dos Estados Unidos da América, conforme análise da autora Érika Alfaro (2021, p.92).

A nação campeã de títulos tem muito de sua supremacia dada historicamente pelo fato de futebol por lá ter sido sempre muito ligado à classe feminina, e nem tanto ao masculino. Em um estudo protagonizado pela autora Érika Alfaro (2021, p.93), é assegurado de que essa desconstrução pode ser explicada inclusive pelas razões de que em solo norte-americano a preponderância dos esportes é o basquete, futebol americano e o beisebol, e nem tanto o *soccer*.

Apesar da notória hegemonia, o futebol ainda não está livre da dominação masculina fora dos gramados. Por assim dizer, a autora Érika Alfaro (2021, p.94) assevera e esclarece que:

Não se trata de supor que a sociedade americana se encontra em um estágio avançado no quesito equidade de gênero por conta do desenvolvimento do futebol feminino, mas de entender que os esportes se localizam e se desenvolvem em espaços distintos em cada cultura em que foram inseridos, reforçando o caráter sociocultural e generificado do universo esportivo.

Ao retomarmos a informação de que é justamente o futebol feminino que se tornou vitorioso nos Estados Unidos, surge a ideia de que o fato de ser uma prática reservada – e incentivada – às mulheres permite que elas a ocupem, desenvolvendo-se e gerando resultados positivos em termos de competitividade. Com isso, é possível reforçar a noção de que, quanto mais um esporte conta com estrutura, apoio e legitimidade, maior a probabilidade que ele seja disputado em alto nível.

E é tão verdade essa falta de equidade em solo americano que, a professora Caroline Soares de Almeida (2019, p.11) dispõe ainda acerca da necessidade enfrentada pelas atletas que tiveram que acionar o Poder Judiciário para poder discutir a disparidade salarial que os homens dispunham sobre elas. Evocando-se para tanto, a Lei de *Civil Rights* de 1964, que prevê expressamente¹: “*No person in the United States shall, on the basis of sex, be excluded from participation in, be denied the benefits of, or be subjected to discrimination under any education program or activity receiving Federal financial assistance*”. Em tradução livre, dispõe acerca da vedação de discriminação de gênero em território norte americano.

A autora Caroline Soares (2019, p.12) elucida de que o problema dessa referida Lei era a ausência de disposição acerca da igualdade no ambiente de educação, o que para o caso dos EUA, onde o esporte ganha seus principais contornos ainda na escola, é um tremendo retrocesso na movimentação ao feminino, desde o acesso dificultado a universidades por meio de bolsas, até mesmo o seu futuro como atleta ser mais conturbado.

E assevera de que hoje, décadas depois, essa Lei, mesmo que não perfeita, foi precedente fiel de justiça para que fosse acionada na obtenção de igualdade salarial, tendo em vista o enorme lucro por parte do futebol feminino em detrimento ao masculino, nos termos de patrocinadores e direitos de imagem.

Assim, sendo possível notar que essa trajetória feminina em solo americano é resultado fiel de muita luta e reivindicação pelos seus direitos, em especial quanto à equidade de gênero, atingida desde por prestar uma reclamação contra a Federação, até usar suas redes sociais para dar atenção à discrepância salarial - mesmo em um local em que as mulheres detêm um número absurdo de vitórias em competições, mais disputas em partidas e mais lucros à Federação. Logo, detentoras de uma base forte em vista do esporte universitário, essa constante luta

¹ “Nenhuma pessoa nos Estados Unidos deve, com base no sexo, ser excluída da participação, ter seus benefícios negados ou ser sujeita a discriminação em qualquer programa educacional ou atividade que receba assistência financeira federal”. (tradução livre).

por direitos e melhorias tem trazido resultados positivos e importantes em termos mundiais, em vista do principal e mais recente Acordo de equiparação salarial.

Depois de uma batalha judicial de 06 (seis) anos, o autor Jeff Carlisle (2022, p. 02) constatou que finalmente foi assinado um acordo que previa os primeiros indícios da igualdade salarial a partir de agora, além do pagamento pela US Soccer (Federação Americana) de 24 (vinte e quatro) milhões de dólares tanto para jogadores ativos, tanto para algumas já aposentadas.

Sendo que, o acordo firmado com o sindicato das atletas profissionais já prevê aplicação para a próxima Copa do Mundo que acontecerá em 2023, e nas palavras das próprias atletas, respectivamente, Alex Morgan e Megan Rapinoe, o resultado é considerado um enorme precedente para o esporte feminino e o início de um caminho de vitória pela igualdade.

É uma vitória monumental para nós e para as mulheres. O que pretendíamos era o reconhecimento por parte da US Soccer de que havia discriminação, e recebemos isso por meio do pagamento firmado no acordo. Queríamos estabelecer um tratamento justo e igualitário nas condições de trabalho, e conseguimos isso no acordo de condições de trabalho. E pretendíamos avançar com o processo de equiparação dos salários com a seleção masculina junto à US Soccer, e conseguimos isso também.

Não sou uma grande fã de montanhas-russas, na vida real ou figurativamente. Achei que chegaríamos a esse ponto, 100%. Achei que venceríamos o tempo todo. É uma vitória para nós. E é uma vitória para as jogadoras da próxima geração, para as jogadoras femininas ao redor do mundo.

Essa vitória alcança prestígios até mesmo políticos. Isso porque, a plataforma Mkt Esportivo (2023, p.01) suscita que todo esse percurso foi feito em vista de um esforço inigualável das jogadoras, principalmente por sua liderança comandada pela craque Megan Rapinoe, que por vezes, esteve na Casa Branca para discussão e esclarecimentos com o atual presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e a vice-presidente Kamala Harris. Hoje, o projeto aguarda sanção do então chefe do Executivo e envolve ainda 50 (cinquenta) órgãos reguladores do esporte no país.

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou a Lei de Igualdade de Pagamento para os esportes. Desta maneira, serão destinados recursos iguais para atletas americanos independentemente do gênero. Aprovado no Senado por unanimidade, o projeto de lei agora segue para o presidente Joe Biden, que deve sancioná-lo. A lei abrangeria todas as equipes nacionais americanas, que totalizam 50 órgãos reguladores do esporte nacional, e exigiria a supervisão do Comitê Olímpico e Paraolímpico dos EUA.

Dessa forma, a autora Alicia Klein (2022, p.02) ressalta que é quase inevitável dizer que, essa abertura de precedente é importantíssima para outras

seleções, desde as próprias vantagens da equidade em solo nacional, até mesmo o incentivo (quase que um reconhecimento) do tamanho do trabalho desenvolvido por elas e fruto de uma história de muitos anos. De tal maneira a existir um legado incalculável para as futuras gerações de jogadoras, que tanto precisaram fazer para deter quase que o “mínimo”.

CAPÍTULO III

AVANÇOS LEGAIS, CULTURAIS E SOCIAIS

3.1 Os efeitos do Estatuto FIFA na Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

Em um estudo protagonizado pela escritora Caroline Soares (2019, p.03) foi possível depreender que só em 1983 e por exigência da FIFA, é que houve a revogação da limitação feminina no futebol, porém, apesar da iniciativa, ainda era possível observar que os resquícios da exclusão que permeavam, e ainda permeiam, o cotidiano das atletas.

Sabe-se, porém que, essa iniciativa foi capaz de elucidar na introdução de disposições no Regulamento da FIFA que dissertavam sobre a paridade de gênero no futebol, de maneira que passou a prever no artigo 23 que²:

Los estatutos de las confederaciones deberán cumplir con los principios de gobernanza y, en particular, deberán incluir como mínimo, determinadas disposiciones relativas a las materias siguientes:
a) declaración de neutralidad en cuanto a política y religión;

² “Os estatutos das confederações devem observar os princípios da governança e, em particular, devem incluir, no mínimo, certas disposições relativas aos seguintes assuntos: a) declaração de neutralidade política e religiosa; b) proibição de todas as formas de discriminação; c) independência e prevenção de ingerência política; d) garantia da independência dos órgãos judiciais (separação de poderes); e) aceitação das Regras do Jogo, dos princípios de lealdade, integridade, espírito esportivo e jogo limpo por parte dos grupos de interesse, além dos Estatutos, regulamentos e decisões da FIFA e a confederação correspondente; f) reconhecimento da jurisdição e autoridade do CAS por grupos de interesse e priorização da mediação como meio de resolução de disputas; g) responsabilidade das federações filiadas na regulamentação de questões como arbitragem, combate ao doping, registro de jogadores, licenças de clubes, imposição de medidas disciplinares —incluindo aqueles resultantes de má conduta ética— ou medidas para proteger a integridade das competições; h) definição das competências dos órgãos responsáveis pela tomando uma decisão; i) prevenção de conflitos de interesse na tomada de decisões; j) Constituição dos órgãos legislativos de acordo com os princípios da representatividade democrática, tendo em vista o importância da igualdade de gênero no futebol; k) auditoria independente de contas anualmente.” (tradução livre)

- b) prohibición de toda forma de discriminación;
- c) independencia y prevención de injerencias políticas;
- d) garantía de la independencia de los órganos judiciales (separación de poderes);
- e) aceptación de las Reglas de Juego, de los principios de lealtad, integridad, deportividad y juego limpio por parte de los grupos de interés, además de los Estatutos, reglamentos y decisiones de la FIFA y de la confederación correspondiente;
- f) reconocimiento de la jurisdicción y autoridad del TAD por parte de los grupos de interés y concesión de prioridad a la mediación como vía de resolución de disputas;
- g) responsabilidad de las federaciones miembro a la hora de regular materias tales como arbitraje, lucha contra el dopaje, registro de jugadores, licencias de clubes, imposición de medidas disciplinarias —incluidas las resultantes de conductas éticas inapropiadas— o medidas destinadas a proteger la integridad de las competiciones;
- h) definición de las competencias de los órganos responsables de la toma de decisiones;
- i) prevención de conflictos de interés en la toma de decisiones;
- j) constitución de los órganos legislativos de acuerdo con los principios de representatividad democrática, teniendo presente la importancia de la igualdad de género en el fútbol;**
- k) auditoría de cuentas independiente todos los años. (*grifado*)

Assim, e em termos mais profundos de análise, a escritora Caroline Soares de Almeida (2019, p. 05) destacou o grande avanço do item “j” por justamente ser a primeira vez que a FIFA incluiu a palavra “gênero” em suas declarações, além de discutir em demais artigos melhores condições da prática desportiva, proibição de ações discriminatórias, além do fortalecimento do feminismo no futebol.

De maneira congruente-extensiva, nos termos da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), as novas regras de participação passaram a exigir um quadro permanente de time feminino tanto em partidas oficiais, com de base, isso porque foi aprovado em 2016, por Estatuto, mudanças que visaram promover a igualdade de gênero, por meio da instituição obrigatória de que os clubes de Futebol Masculino que quisessem obter a licença da Confederação para disputar a Copa Sul-Americana ou a Libertadores da América deveriam criar equipes femininas de futebol até 2019, ou poderiam se associar a outro clube que possuísse essa categoria atuante em campeonatos oficiais.

Conforma instituído³ e asseverado pela autora Caroline Soares de Almeida (2019, p.05):

³ “O solicitante deve ter um time principal feminino ou estar associado a um clube que tenha um. Além disso, devem ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou estar associados a um clube que a possua. Em ambos os casos, o solicitante deverá fornecer suporte técnico e todos os equipamentos e infraestrutura (campo de jogos e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas as

El solicitante deberá tener un primer equipo femenino o asociarse a un club que posea el mismo. Además, deberá tener por lo menos una categoría juvenil femenina o asociarse a un club que posea la misma. En ambos casos el solicitante deberá proveer de soporte técnico y todo el equipamiento e infraestructura (campo de juego para la disputa de partidos y de entrenamiento) necesarias para el desarrollo de ambos equipos en condiciones adecuadas. Finalmente, se exige que ambos equipos participen en competiciones nacionales y/o regionales autorizadas por la respectiva Asociación Miembro.

No entanto, mesmo com esse esforço, em teoria, para um maior aproveitamento feminino no futebol, a realidade em solo brasileiro se mostrou bem diferente, e uma série de ações provocaram o descontentamento das atletas.

No compasso de que, a autora Caroline Soares (2019, p.08) assevera que, em 2017, as atletas futebolísticas brasileiras redigiram uma Carta (2017) discorrendo sobre suas insatisfações acerca da falta de apoio na categoria, ausência de mulheres em cargos diretivos, péssimo tratamento recebido por todos esses anos, fracasso em otimizar oportunidades para melhoria da seleção pela CBF, além da ausência de voz, gerência e administração no futebol. Essa Carta ganhou contornos em veículos de comunicação internacionais, mas em terra natal, pouco se teve de efetivo resultado.

E é justamente essa lacuna de efeito em terra natal que demonstra efetiva e exatamente de que a conquista por seu espaço não tem sido fácil. Mesmo que “fora de casa” – mundialmente – as atletas têm destacado diversas insatisfações com a atenção ao futebol feminino, sendo até mesmo uma das formas mais eficazes e usadas as manifestações que protestam por essa desigualdade em campo.

Outrora, em vista a ações paralelas à essa manifestações, a autora Érika Alfaro (2021, p. 80) destaca que na Copa do Mundo de 2019, a craque norueguesa Ada Hegerberg tomou a decisão de não defender sua seleção como forma de protesto pelas péssimas condições que o futebol feminino tem sido tratado em sua terra natal, tendo a própria Federação prontamente agido, mas não o suficiente para que a jogadora entrasse em campo.

3.2 “Lances” Históricos

equipes em condições adequadas. Finalmente, ambas as equipes são obrigadas a participar de competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro”. (tradução livre).

3.2.1 Final feminina da Eurocopa: Inglaterra x Alemanha e o protagonismo na história do futebol

Foi em Wembley, principal estádio da Inglaterra que a história foi marcada. O reconhecido refrão inglês *"It's Coming Home"*⁴ ganhou uma entonação diferente na celebração pelo título feminino na final da Eurocopa contra a Alemanha.

Conforme suscita Leandro Stein (2022, p.01), as inglesas se superaram e alcançaram o êxito pela Euro feminina depois de 56 (cinquenta e seis) anos sem vencer. E mais, a alegria não estava só dentro dos gramados, a vitória foi acompanhada de um público épico e histórico para o futebol feminino, já que cerca de 87 (oitenta e sete) mil torcedores compareceram ao estádio e entoaram bravos de alegria pela conquista frente as alemãs.

O jornalista Stein (2022, p.02) pondera que a decisão alcançada em Wembley suscitou em dados significativos na história do esporte, desde elementos futebolísticos à recordes gloriosos, asseverando ainda que, "a decisão em Wembley teve todos os elementos de uma partida histórica. A começar pelo ambiente ao redor do gramado, com arquibancadas abarrotadas e uma torcida barulhenta. Dentro de campo, os times fizeram jus a esse clima".

E como consequência lógica, foi capaz de ecoar em novos ares uma conquista aquisitiva de lugar. Isso está intrinsecamente ligado à capacidade satisfatória de atrair público, mídia e investimentos, afinal, não é sempre que há um estádio lotado em mesmos tons de acolhimento do que vista ao masculino. De modo a garantir que esse troféu dá um ensejo e uma reverberação em solo inglês e a criação de analogia repercutida mundialmente.

Fato que ganha destaque do autor Stein (2022, p.04):

A Inglaterra conquista o título inédito da Eurocopa, depois dos vices em 1984 contra a Suécia e em 2009 diante da Alemanha. Junta-se à lista de campeãs ao lado de Alemanha (oito taças), Noruega (duas), Suécia (uma) e Holanda (uma). E os ecos de Wembley não deverão parar por aí. Será interessante acompanhar, nos próximos meses, como esse troféu irá reverberar no futebol inglês. Se o futebol feminino no país já recebia mais investimento e atraía mais público, uma conquista diante de 87 mil pessoas (além de milhões na televisão) tem tudo para transformar essa realidade de forma mais intensa. De incentivar mais mulheres a tomarem os gramados e as arquibancadas.

⁴ "Está vindo para casa" (tradução livre)

De mesma sorte, é válido delinear com mais profundidade que essa presença ao estádio além de importante para o futebol feminino como um todo, ainda ganha os respaldos de recordes históricos. O canal de comunicação jornalístico *BBC News Brasil* (2022, p. 02) assevera que a UEFA tem sido anfitriã de participações fortes no futebol feminino, isso porque conforme citam:

Os torcedores que compareceram às partidas também contribuíram para estabelecer um novo recorde de participação total no torneio. Mesmo se não contasse com a ajuda de uma final esgotada, a UEFA anunciou que 487.683 pessoas haviam participado da Euro 2022 até o momento — o que já era o dobro do recorde anterior de 240.055 estabelecido durante a Euro 2017, na Holanda.

E as vitórias não param por aí. Mesmo dentro de um número expressivo dentro de campo, o apoio veio fora dele também, constatou-se, à época que, o público inglês foi de quase 18 (dezoito) milhões de telespectadores pelo Reino Unido. Nota-se pelas palavras do canal supracitado (2022, p.03):

Mas o público também quebrou recordes à distância, com 17,42 milhões de pessoas no Reino Unido vendo a final pela televisão. Essa é a maior audiência de TV do Reino Unido para o futebol feminino. E fizeram isso enquanto testemunhavam a história, vendo a primeira vitória do time inglês no torneio ao derrotar a Alemanha por 2 a 1 na prorrogação. Mesmo antes disso, depois das quartas de final, a UEFA anunciou que a competição havia quebrado recordes de audiência em todo o mundo. A organização afirmou que os números "aumentaram 58% em comparação com os anteriores" das Euros femininas.

E ainda registra esse marco pelas palavras da jornalista e comentarista Renata Mendonça acerca dessa vitória paralela ao futebol ofertado à rede de comunicação *BBC News Brasil* (2022, p.04):

O público abraçou o futebol feminino. A Inglaterra é um país que investiu muito no futebol feminino na última década e o retorno não se limita ao sucesso da seleção nacional. Nunca houve tanta visibilidade para as mulheres como atletas em vez de 'musas'. E a ironia disso para os torcedores ingleses é que foi preciso que as mulheres finalmente fizessem o futebol 'voltar para casa'.

Asseverando-se em identidade ao discurso dado pela atual capitã do time inglês feminino acerca da vitória, Leah Williamson, conforme dispõe o canal de notícias supracitado (2022, p. 04):

O legado deste time é uma mudança na sociedade. É tudo o que fizemos, reunimos todo mundo, temos público nos jogos. E muitas pessoas notaram que isso poderia inspirar mais meninas a entrar no esporte, incluindo a rainha Elizabeth 2ª, que disse em uma mensagem de felicitações: 'Vocês deram um exemplo que será uma inspiração para meninas e mulheres hoje e para as gerações futuras'.

Nesses últimos termos, ressalta-se o apoio da realeza como uma das frentes da oportunidade elencada no esporte feminino, de modo a aferir que o desempenho foi de tal maneira que, a Rainha Elizabeth da terra natal das anfitriãs, dissertou um elogio pela vitória no campeonato. Por sua vez, registra o site real, conforme se vê (2022):

My warmest congratulations, and those of my family, go to you all on winning the European Women's Football Championships.
It is a significant achievement for the entire team, including your support staff. The Championships and your performance in them have rightly won praise. However, your success goes far beyond the trophy you have so deservedly earned.
You have all set an example that will be an inspiration for girls and women today, and for future generations.
It is my hope that you will be as proud of the impact you have had on your sport as you are of the result today
ELIZABETH R.⁵

É nesse diapasão que permite notar o quão avançado está o reconhecimento do futebol feminino e a força que essas meninas garantiram ao longo dos anos. Demonstrando que o caminho, apesar de longo, está sendo devidamente percorrido.

3.2.1.1 A Presença feminina na *Premier League*: um estudo de caso do *Chelsea*

Nesse diapasão, a autora Anna Beatriz Maia (2021, p.49) elucida que o crescimento das inglesas em território futebolístico tem sido fator exponente da qualidade firmada nas ligas *Lionesses*.

Ressalta Maia (2021, p.49) que além da própria atração de público, os clubes criam solução fértil à seleção, que dentre vitórias como essa advinda das mulheres, também fortifica o crescimento esportivo, à luz financeira, social e humana. Faz jus, além de todos os fatos e pressupostos ao título de terra natal do futebol, agora não mais só à título masculino.

⁵ “Os meus mais calorosos parabéns, e os da minha família, vão para todas pela conquista do Campeonato Europeu de Futebol Feminino. É uma conquista significativa para toda a equipe, incluindo sua equipe de suporte. Os campeonatos e seu desempenho mereceram elogios. No entanto, seu sucesso vai muito além do troféu que conquistaram com tanto mérito. Todos vocês deram um exemplo que será uma inspiração para meninas e mulheres hoje e para as gerações futuras. Espero que vocês fiquem tão orgulhosas do impacto que tiveram em seu esporte quanto estão do resultado de hoje”.

E é nesse contexto de revolução feminina que elucida, na ocasião, a necessidade de apoio não só de público, vide a importância midiática, mas como também aquele apoio advindo internamente aos clubes ingleses. À título de exemplo, a escritora Anna Beatriz (2021, p. 49) ressalta a importância que as mulheres têm adquirido no *Chelsea*, um dos principais clubes ingleses e que dentre entrevistas dadas, seu antigo dono Roman Abramovich reafirmou a importância que deve ser dada a equipes femininas:

Isso é uma questão de princípio, mas, também, o futebol feminino tem um enorme potencial. Se o futebol feminino recebesse o mesmo nível de apoio que o futebol masculino, o esporte obviamente teria o mesmo sucesso do lado empresarial.

Acho que o sucesso demonstra o que pode ser alcançado quando você dedica recursos e a liderança certa. [A gerente] Emma Hayes tem sido notável em seu trabalho com a equipe.

Por assim dizer, a importância ganha marcha no próprio site oficial do clube inglês *Chelsea FC* em que é possível tomar a base das informações dadas na história da criação feminina no clube, cabendo especificação dentro da categoria em *Women Ltd*, conforme elucidação da autora Anna Beatriz Maia (2021, p.139).

E a escritora Maia (2021, p.46) ainda acrescenta que, na Inglaterra há a disputa da *National League Cup (Premier League Cup)*, da *Women's FA Cup* e a *Women's League Cup*, sendo por elas organizadas pela *Football Association* (em português: Associação de Futebol [da Inglaterra]; sigla oficial: FA).

Assevera e destaca Anna Beatriz (2021, p.46):

A Premier League feminina, na verdade, se chama FA Women's Super League (FAWSL). O campeonato foi criado em 2011 e equipes importantes investem no futebol feminino da Inglaterra, sendo um dos destinos mais desejados entre as jogadoras europeias. A competição feminina também possui uma segunda divisão, que é a FA Women's Super League 2, ou WSL 2.

No mais, a autora Anna Beatriz (2021, p. 46) esclarece que o *Chelsea*, é, dentre vários, um dos maiores times que investem no futebol feminino visando embarcar em sua qualidade.

Times grandes como o Liverpool, Chelsea, Arsenal e City investem no futebol de qualidade. O Arsenal é o maior e atual campeão com três títulos conquistados. Chelsea e Liverpool têm dois títulos cada e o Manchester City, um. A única *Champions League* da Inglaterra foi obtida pelo Arsenal, em 2006/07, completando o quadro de apenas quatro nações detentoras da Liga dos Campeões. Recentemente, o futebol feminino na Inglaterra tem vivido momentos históricos.

O desempenho do *Chelsea* em desenvolver-se em solo feminino é notório. Por assim dizer, torna-se notório de que o apoio de um time grande e expressivo como o *Chelsea* e a efetiva demonstração de incentivo que o seu dono possa oferecer, é um grande passo à concretização da vitória ao meio futebolístico. E possibilita aferir que muitas das vitórias creditadas ao clubes nacionalmente, bem como mundialmente devem sair do mero enquadro masculino e ganhar “asas” ao embate feminino – por serem legítimas de receber esse efetivo reconhecimento.

3.2.2 Brasileirão Feminino Neoenergia

A história tem sido feita no futebol feminino. No Brasil, em 2022, a décima edição do Brasileirão Feminino Neoenergia foi marcado por jogos de alcances significativos na modalidade, especialmente a final disputada entre Corinthians e Internacional.

A Assessoria da CBF (2022, p.01) analisou que o jogo de ida da decisão, no estádio Beira-Rio contou com a presença de 36.330 (trinta e seis mil e trezentos e trinta) torcedores – estabelecendo, de fato, um novo recorde de público para futebol feminino. No entanto, felizmente, a marca foi superada na semana seguinte quando contou com a presença de 41.070 (quarenta e um mil e setenta) torcedores, agora na Arena Neo Química, para a partida de volta entre as equipes.

O recorde, inclusive sul-americano, foi pauta inclusive dentro da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). A Assessoria (2022, p.02) registrou que as competições têm recebido premiações ainda maiores do que as já apresentadas. Nessa especificamente apresentada, o valor destinado foi em quase cinco vezes maior do que já feito, isso porque as campeãs angariaram cerca de R\$1 milhão (um milhão) de reais, ficando as vices com R\$500 mil (quinhentos) mil reais, além de valores também distribuídos entre as demais participantes.

A Assessoria (2022, p. 02) ainda destacou que os recordes têm sido comentados e vistos no meio interno à competição:

‘O futebol feminino tem que continuar crescendo. Vemos o resultado em campo, na torcida presente e fora de campo, com uma premiação cinco vezes maior, que mostra a força do futebol feminino’ - Diretor de Competições da CBF, Júlio Avellar.

‘Fico muito feliz que a CBF tenha o futebol feminino como uma de suas prioridades. Premiação histórica, cinco vezes maior... Se olharmos para 2013 e vemos como estamos agora, a evolução é gigante. É daqui para frente’ – Gerente de Competições, Aline Pellegrino.

Os comentários têm sido honestos à importância da causa. Isso porque seus reflexos têm sido importantes dentro e fora de campo, até mesmo por estar além de uma afeição crescente do futebol feminino pelo torcedor brasileiro, mas especialmente porque essa afeição tem trazido investimentos expressivos ao crescimento da modalidade. A formação da carreira dessas jogadoras tem sido mudada, desde o início em preparação e até mesmo no desenvolver de um futebol em excelência pelas mais experientes, agora mais valorizadas pela torcida e pela entidade, ou em palavras mais acertadas, por finalmente estarem sendo valorizadas.

O protagonismo feminino finalmente ganhou seu real contorno. A Assessoria (2022, p.02) destaca que além do necessário fomento do esporte pela entidade, pode-se dizer que reconhecem a necessidade de espaço das mulheres, inclusive por contarem com jogos nos mais importantes estádios do país e também por serem transmitidos, regularmente, na TV brasileira.

Os jogos do Brasileirão Feminino Neoenergia tem sido cada vez mais realizados nos grandes estádios de seus clubes. O Palmeiras recebeu quase todos os seus jogos no Allianz Parque. O Internacional disputou o mata-mata no Beira-Rio. São Paulo e Real Brasília mandaram jogos no Morumbi e na Arena Mané Garrincha, respectivamente. Palcos que traduzem a grandeza que o futebol feminino vai tendo no Brasil. A disputa do Brasileirão Feminino Neoenergia contou com a transmissão de três diferentes veículos. Na TV aberta, a Bandeirantes exibiu partidas da competição. Na TV fechada, a missão ficou por conta do Sportv. E a Eleven Sports garantiu ao torcedor que pudesse assistir todos os jogos de graça.

O crescimento do futebol feminino resultou em um resultado expressivo de audiência para a Band na final deste sábado (24). Com a decisão entre Corinthians e Internacional, a TV ficou na vice-liderança na Grande São Paulo, com 3,8 pontos de audiência em média no Kantar Ibope Media, com cerca de 9,1% de share (proporção pelo número de TVs ligadas). Cada ponto equivale a 74.666 casas ou 205.755 telespectadores, e a partida chegou a ter pico de 5,8 pontos de audiência (ou seja, mais de um milhão de espectadores).

A audiência ainda tem contado com o apoio interno da imprensa. No ano de 2022, especialmente nessa competição da Neoenergia, foi notado a presença do *Media Day*, com a reunião de veículos de transmissão diversos e dos mais diferentes estados da Federação para o acompanhamento. E a Assessoria (2022, p.03) ainda especifica:

Com o crescimento do interesse dos torcedores pelo Brasileirão Feminino Neoenergia, também aumentou a presença da cobertura da imprensa. Prova disso foi o Media Day da final, realizado na véspera do segundo jogo, na Neo Química Arena, que reuniu veículos de diferentes formatos e estados para acompanhar. Os técnicos e as capitães das duas equipes estavam presentes e falaram com equipes de televisão, rádio, portais, redes sociais e jornais. Na final, as tribunas de imprensa estavam cheias para o jogo. Ao todo, 379 profissionais foram envolvidos na cobertura da partida.

Assim, quase redundante dizer e mais uma vez destacar a importância que as influências fora de campo podem trazer aos gramados. Para além de um alto nível, com investimentos e melhoria de condições de jogos às jogadoras que hoje atuam, acabam por também abrir um leque de possibilidades ao descobrimento de novas revelações, que inclusive resguardam e dão luz ao futuro do Brasil no futebol feminino.

Dentro da arena podem transparecer, igualmente, o ressarcimento do investimento aplicado em vista das vitórias e conquistas de prêmios e títulos, correspondentes até ao nível de exigência do torcedor brasileiro que por muitas vezes insiste em comparar ao masculino, mesmo que notoriamente desempenhado sob diferentes circunstâncias – agora destinadas a não serem tão discrepantes.

3.3. A Copa do Mundo de Futebol

Embora seja possível notar diversos avanços em matéria desportiva, é sonoro dizer que há lacunas a serem preenchidas. Especialmente em grandes cenários, como a Copa do Mundo Feminina de Futebol, é que se revelam pautas de desigualdade na função.

Isso porque, e de acordo com os dados fornecidos pela autora Érika Alfaro (2021, p.85), a última Copa feminina disputada foi anunciado cerca de 30 (trinta) milhões de dólares pela FIFA para a execução, sendo, portanto, o dobro do campeonato anterior – 15 milhões de dólares. Apesar de um avanço significativo para o futebol feminino, próximo à execução masculino, este ponto torna-se mínimo.

Destaca a autora Alfaro (2021, p.85):

Os dados isolados podem oferecer uma visão otimista a respeito do assunto. No entanto, em 2018, na Copa do Mundo de futebol masculino, na Rússia, foram 400 milhões de dólares para as 32 seleções. Com isso, o montante direcionado às mulheres não chega a 10% da quantia. Para a seleção francesa, campeã do torneio masculino, o prêmio foi de 38 milhões – o que, por si só, representa mais do que o valor total disponibilizado para o campeonato feminino em 2019.

E não para por aí. Érika Alfaro (2021, p.85) ainda ressalta que a Copa masculina disputada 2022 teve o valor final de 440 (quatrocentos e quarenta) milhões de dólares sendo um montante extremamente desproporcional ao destinado ao feminino, que por sua vez, é capaz de revelar em transparência a diferença ainda clara entre esforços da entidade máxima de futebol no percurso de cada edição.

Ainda, a escritora supracitada (2021, p.86) argumenta por exposição acerca dessa desigualdade:

Dessa forma, se a desigualdade de gênero no tratamento por parte de entidades oficiais da modalidade e a falta de investimentos consagraram-se historicamente como reivindicações em pautas que envolvem o futebol de mulheres, embora a Copa do Mundo de 2019 tenha trazido consigo avanços, é notável que fatores como os elencados ainda permanecem na relação de aspectos a serem desenvolvidos.

Outro dado que expõe posições desiguais calcadas na questão gênero é que, entre as 24 seleções classificadas para o mundial, apenas nove eram treinadas por mulheres. Desiree Ellis (África do Sul), Martina Voss-Tecklenburg (Alemanha), Michelle Kerr (Escócia), Jillian Ellis (Estados Unidos), Corinne Diacre (França), Sarina Wiegman (Holanda), Milena Bertolini (Itália), Asako Takakura-Takemoto (Japão) e Nuengruethai Sathongwien (Tailândia). Entre esses grupos, estão os líderes no ranking da Fifa de seleções: o primeiro lugar é dos Estados Unidos e o segundo da Alemanha – e a França, outro time sob o comando feminino, é a quarta colocada.

É por assim dizer que, o futebol feminino, embora detentor de avanços plurais, ainda é dependente de uma série de iniciativas que precisam ser tomadas principalmente por seus dirigentes. As conquistas parciais demonstram um cenário limitado e que necessitam de alcances que busquem, mesmo que ao mínimo, trazer a baila as verdadeiras conquistas das suas “guerreiras” do futebol.

3.3.1 A influência das atletas na Copa do Mundo Feminina de 2019 fora dos gramados

A desigualdade de tratamento sempre foi evidente, mas em um determinado momento ela já não era mais tão pacificamente aceita.

Dentre as ativistas, a atleta Ada Hegerberg foi responsável por iniciar um movimento de incontinência às formas de tratamento no meio futebolístico, isso porque, a jogadora do Lyon, time francês, foi incisa em declarar a necessidade de uma certa disseminação da forma pela qual o clube as tratavam, em vista do respeito e equiparação entre os times femininos e masculinos. A autora Érika Alfaro (2021, p.80) ainda especifica:

Tetracampeã da Champions League, Ada é atleta do Lyon, da França. Em um artigo publicado na plataforma The Players Tribune, declarou que, no clube francês, as equipes masculina e feminina eram tratadas como iguais, por isso, seriam necessárias mais pessoas com a visão de Jean-Michel Aulas [presidente do Lyon], “que sabe que investir no jogo das mulheres é uma vitória para o clube, a cidade e os jogadores”. “Quando você obtém investimentos de classe mundial, obtém resultados de classe mundial”, escreveu a norueguesa.

A autora supracitada (2021, p.80) ainda leciona que o movimento foi feito em face diametralmente oposta ao que vinha acontecendo na terra natal da jogadora. Isso porque, a federação norueguesa em uma tentativa de equiparar os salários pagos aos dois times em conjunto ao sindicato de jogadores do país, restou por infrutífera a participação na Copa do Mundo de 2019 de Ada, que esclareceu a tentativa como medida insuficiente, exatamente porque não se limitavam a questões financeiras.

Certamente a irredutibilidade da craque norueguesa e em congruência às ações de demais jogadoras pelo mundo tem sido fatores de enorme avanço. Érika Alfaro (2021, p.80) pontua que os efeitos têm atingido inclusive patrocínios, isso porque, Nike foi a responsável por lançar em mercado uma linha exclusiva de materiais às mulheres que participaram da Copa do Mundo de 2019 pela seleção brasileira. E ressalta esse avanço:

Se na primeira vez em que as brasileiras participaram da Copa, em 1991, elas receberam os uniformes utilizados pelo time masculino, em 2015, a seleção feminina teve uma camisa projetada apenas para elas – até então, elas vestiam o uniforme desenvolvido para o grupo masculino. O uniforme 2 azul foi usado na competição mundial no Canadá, mas não comercializado para o público. Com isso, em 2019, a empresa lançou uma linha, com camisa, calção e outros materiais, especialmente para o grupo feminino, a qual foi comercializada. Nas costas da gola da camisa, estavam estampados os dizeres ‘Mulheres Guerreiras do Brasil’. Na campanha, a marca trouxe a mensagem: “Para homenagear as mulheres que lutam e vencem, dentro e fora de um ambiente historicamente dominado por homens, apresentamos pela primeira vez uma coleção feita exclusivamente para elas’.

E a história não finaliza por aí. Nas palavras da própria autora Alfaro (2021, p.80), a Copa do Mundo de 2019 certamente “contou com iniciativas sem precedentes”, isso porque “as campanhas trouxeram as jogadoras brasileiras como protagonistas e chamaram atenção para assuntos como a falta de visibilidade e de apoio ao futebol feminino no país”. Um dos protagonistas foi o Guaraná Antártica, responsável por desenvolver uma propaganda que estimulava o reconhecimento da necessidade de mulheres na publicidade, exatamente por atingirem assuntos que elas também dominavam, seja dentro ou fora de campo.

Ilustra e elucida a autora supracitada (2021, p.81):

O vídeo de propaganda da marca de refrigerante começou comparando o cenário publicitário pré-Copa masculina, em 2018, e o pré-Copa feminina em 2019. A narradora disse: ‘O ano passado teve um monte de comercial com jogadores. E, esse ano, quase nenhum com jogadoras. Uma vergonha, não?’. Com isso, a estratégia foi questionar se as jogadoras não poderiam compor

um comercial da própria marca. Enquanto a narradora fazia as perguntas, eram exibidas imagens das atletas executando as ações questionadas: ‘Será que a Fabi Simões não é boa suficiente para colocar guaraná em um copo cheio de gelo?’; ‘Será que a Andressinha não consegue tomar um gole de guaraná em câmera lenta e fazer ‘ahh’ depois?’; ‘E a Cristine? Vai dizer que uma das maiores artilheiras de todas as seleções não consegue falar o slogan da nossa marca?’ e, em seguida, Cristiane dizia: ‘Guaraná Antártica é coisa nossa’. Com isso, a narradora completou: ‘Então é óbvio que elas conseguem fazer comercial para sua [marca]’. Logo depois, imagens das jogadoras com itens como lâmina de barbear, chuteira, cosméticos, cartão de crédito, perfume e celular foram exibidas. Por fim, o comercial anunciou: ‘Futebol feminino merece mais propaganda. Junte-se à Guaraná nesse movimento. Afinal, é coisa nossa ter orgulho da seleção. Guaraná Antártica, orgulhosamente patrocinador da seleção brasileira feminina de futebol’.

Em outra esfera, a autora Alfaro (2021, p. 82) também destaca a atuação de outro patrocinador: o banco Itaú. Na época do evento esportivo, o banco desenvolveu uma série de questionamentos acerca da notoriedade e feitos de atletas brasileiras que defenderiam a seleção. Da mesma forma que outras marcas como, O Boticário, Eudora, Quem Disse Berenice, Vult e BeautyBox que foram percursoras de campanhas de apoio à seleção feminina nos jogos, demonstrando sua importância dentro e fora dos gramados.

Conforme especifica a autora supracitada (2021, p.82):

No vídeo, a propaganda foi iniciada com o lembrete de que 2019 era ano de Copa, de ‘jogar junto com as nossas guerreiras’. Em seguida, a narradora destacou: ‘No próprio país do futebol, o futebol feminino foi proibido por 40 anos’, afirmando em seguida que, apesar do atraso, as conquistas eram históricas – enquanto a voz em *off* fazia as colocações, ilustrações e recursos gráficos mostraram que o Brasil foi campeão da América sete vezes e que teve a melhor jogadora do mundo em seis oportunidades. O comercial seguiu indicando que, apesar dos títulos, ‘ainda tem muito gramado para percorrer’, trazendo, com a arte, a mensagem de que o principal jogador da seleção brasileira, com nenhum título de melhor do mundo, tem 15 marcas patrocinadoras, enquanto a principal jogadora, com seis chuteiras de ouro, possui apenas quatro.

Uma das mais influentes jogadoras, Marta, também eleita seis vezes a Melhor Jogadora do Mundo pela Fifa em 2018 e a única a marcar gols em cinco Copas do Mundo, estava sem patrocínio há meses, por considerar insuficientes os valores oferecidos em proporção ao masculino. A atleta sempre foi ativa nessa disputa pela equidade de gênero e sempre deixou claro seu descontentamento com a seleção brasileira e com os times que defendia em campeonatos. Desde apontar para chuteira até dar entrevistas em que alegava diferenças de tratamento dentro do clube.

Nesse caso, a autora Alfaro (2021, p.88) chega a especificar o descontentamento da craque em uma matéria transmitida pela Rede Globo aos 13 de junho de 2019.

Em uma matéria que foi ao ar no programa da Globo, o Fantástico, no domingo posterior à partida, que aconteceu em uma quinta feira (13 de junho de 2019), Marta contou, em entrevista ao programa, usando uma camiseta com o símbolo da campanha 'Go Equal' – o mesmo da chuteira – que não exibia patrocínio esportivo porque, segundo ela, 'o que foi proposto foi bem abaixo do que recebia, menos da metade'. A reportagem destacou os feitos da jogadora, como os prêmios da Fifa e o fato de ter marcado 106 gols pela seleção até aquela ocasião (enquanto Pelé marcou 95), o que faz dela a maior artilheira da história da seleção brasileira. Com isso, a repórter Carol Barcellos questionou Marta: 'Você imagina quanto receberia um homem que tivesse conquistado tudo o que você conquistou'. E a resposta da atleta foi: 'Não tem nem comparação. É muito diferente, é muito distante. A gente ganha, de repente, o que um menino da base, que está começando'.

Depois da eliminação, Marta fez um discurso que repercutiu por meses nas redes de comunicação. Na saída de campo, perante a imprensa, quanto questionada sobre o marco da seleção para o futebol brasileiro, a jogadora se expressou, nas palavras transcritas pelo canal Globo Esporte, por Amanda Kestelman (2019, p.02):

É um momento especial e a gente tem que aproveitar. Digo isso no sentido de valorizar mais. Valorize! A gente pede tanto, pede apoio, mas a gente também precisa valorizar. A gente está sorrindo aqui e acho que é esse o primordial, ter que chorar no começo para sorrir no fim. Quando digo isso é querer mais, treinar mais, estar pronta para jogar 90 e mais 30 minutos e mais quantos minutos forem necessários. É isso que peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Pensem nisso, valorizem mais. Chorem no começo para sorrir no fim.

Por fato, a fala que tanto repercutiu gerou indagações de até onde o futebol iria sem suas craques, que por certo fariam falta sem novas gerações. O desenvolvimento, apoio e até patrocínio são necessários para continuação de qualquer esporte, especialmente o futebol feminino, que até então vem apenas sobrevivendo no Brasil que tanto se intitula como "país do futebol".

Mesmo que haja, indiscutivelmente, um avanço notório da modalidade feminina e a adaptação perante o público, principalmente tendo em vista as transmissões dos jogos já em horários nobres, ou até mesmo recordes de audiência na Copa de 2019 de jogos inclusive não disputados pelo Brasil, conforme preleciona a autora Alfaro (2021, p. 91):

Durante a competição, em âmbito nacional, todos os jogos do Brasil foram exibidos, em televisão aberta, pela Rede Globo (pela primeira vez na história)

e pela Bandeirantes, que foi além e também colocou no ar partidas de outras seleções, como a abertura do torneio com França e Coréia do Sul. (...) Outro número que vale destaque é que os quatro jogos da Seleção Brasileira estiveram entre os oito mais assistidos da competição mundial. Ainda de acordo com a Fifa, o Brasil foi o país que mais assistiu ao jogo da final, entre Estados Unidos e Holanda, com 19,9 milhões de público, incluindo a audiência da Globo em TV aberta e seu canal por assinatura, o SporTV (o dado não incluiu a audiência da Band).

Embora feitos significantes, é fato de que ainda há muito a ser traçado e alcançado. À época da Copa, e conforme destaca Érika (2021, p.92) Gianni Infantino, presidente da FIFA, anunciou medidas para o futebol feminino:

Nessa oportunidade, diante dos resultados considerados positivos, Gianni Infantino anunciou cinco medidas para o desenvolvimento do futebol feminino: A criação de um Mundial de Clubes da FIFA para mulheres: começando o mais rápido possível; A criação da Liga Mundial Feminina: uma proposta apresentada em 2017, para ser disputada em torneios em todo o mundo; Expandir a Copa do Mundo Feminina da FIFA de 24 para 32 equipes, potencialmente já na edição de 2023; Dobrar o prêmio em dinheiro para a próxima Copa do Mundo Feminina da FIFA; Dobrar o investimento comprometido com o futebol feminino nos próximos quatro anos, de US \$ 500 milhões para US \$ 1 bilhão.

Nesse interim, os reconhecimentos da Copa do Mundo Feminina de 2019 foram incontestáveis. Cercam o futebol feminino inúmeras expectativas, promessas e conquistas de suas jogadoras, que por tanto tempo foram silenciadas e desacreditadas, mas que nem por um momento deixaram de fazer aquilo que sonharam a vida inteira e hoje são reais merecedoras de todas as suas conquistas.

O futebol feminino é mais feliz pela presença delas, e é grato por tamanha fé em sua prática. Mas, como diria sua maior craque, Marta – uma licença para o reconhecimento brasileiro – “o futebol feminino precisa de vocês”, Amanda, 2019, p.01. E é verdade, o futebol feminino precisa de nós (Érika, 2021, p.89): “A gente está representando todas as mulheres do mundo inteiro. É um gol pela igualdade, é um gol pelo empoderamento, é um gol pelo respeito.

CONCLUSÃO

Por todo o exposto, foi possível depreender que a contextualização da mulher no esporte, principalmente no futebol foi traçada por um caminho complexo, injusto e complicado. Todo avanço guardava ao menos um mínimo de retrocesso, e isso, até hoje, é motivo de reconhecimento, exatamente porque as dificuldades não foram completamente superadas, e há, e muito, o que se buscar para equalizá-las aos homens.

Reverberando-se na ideia de que, historicamente, não há como colocá-las em um mesmo padrão de julgamento, porque a base não é a mesma e o percurso certamente não se parece, ou sequer assemelha-se ao dos homens. Pondo-se em ênfase que sua projeção, hoje, muito se deve pelas ações vinculadas no passado, em que houve tribulação para confecção de resultados, sejam eles legislativos, administrativos, culturais e institucionais.

Em mesma atribuição, nota-se que a vitória no judiciário quanto ao Precedente Norte-Americano é de incontestável importância. Não só no esporte, mas principalmente nele, a decisão não só trouxe margem para a discussão do salário futebolístico nos Estados Unidos, como também serviu de patamar mundial para as jogadoras que o utilizam no enquadramento de suas demandas, e em outras federações que perpassam pelo mesmo problema de discrepância salarial.

Assim, é notório que o futebol feminino precisa de um maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização em face do masculino. É uma prática esportiva muito instável, inclusive no Brasil, que foi palco (e de certa forma ainda é) de muitas proibições, perseguições e impedimentos, para além dos gramados, e fazem transparecer a contemporaneidade da resistência e das lutas, por muitas vezes ligadas ao simples fato de existir.

A liberdade e o respeito ainda estão sendo trilhados. Há barreiras a serem quebradas para que as mulheres não só se mantenham no futebol, mas passem a serem detentoras deles, não mais como uma prática meramente eventual, e por vezes, nem considerada profissional à força do parâmetro masculino.

É um discurso de empoderamento que tem causado mudanças, seja nos gramados ou fora desses, como em ambientes escolares e familiares. E é de tal forma pela força quase que ininterrupta e firme de mulheres envolvidas no futebol ou apoiadoras, cuja voz ganha força midiática, legislativa, cultural e institucional.

O futebol é uma prática humana, é por ele ensinada, regulada, socializada, jogada e vivida; e que apesar de criada por homens, já não mais lhe são exclusivas: as mulheres ganharam o direito de ser donas também e principalmente de serem respeitadas como profissionais.

Destarte, conclui-se finalmente que, há muito o que fazer, conquistar e certamente resistir. Há vitórias, que mostram e comprovam que o caminho está sendo traçado, mas está longe do fim. Estamos diante de luta pela desconstrução dos papéis sociais historicamente criados em torno do conceito de gênero e as desigualdades neles contidas.

O futebol é só mais um palco desses. As mulheres têm que ter voz aonde quer que forem, porque o (des)impedimento fora de campo precisa acontecer, e já não há mais enredos históricos ou legislativos que justifiquem as resistências incessantes pela presença da mulher no futebol. É um direito delas estarem nos gramados de maneira respeitosa, na verdade, em qualquer lugar é preciso respeito. É uma necessidade de existir. Precisa acontecer.

REFERÊNCIAS

Alex Morgan em entrevista à ESPN. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/9969050/estados-unidos-anunciam-acordo-r-122-milhoes-para-igualdade-salarial-selecoes-masculina-feminina-futebol).

Acesso em: 28 de setembro de 2022, às 14:00.

ALMEIDA, Caroline Soares de. “*O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil*”. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/Brasil.

ARAÚJO, Érika Alfaro. “*Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019*”. 2021. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

Assessoria CBF. “*Recordes de público e premiação marcam fim da décima edição do Brasileirão Feminino Neoenergia*”. 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/recordes-de-publico-premiacao-e-grandes-jogos-marcam-fim-da#:~:text=Cada%20vez%20mais%20apaixonado%20pelo,no%20pa%C3%ADs%2C%20com%2036.330%20presentes..> Acesso em: 02 de janeiro de 2023.

BARLEM, Cíntia. “*A importância do primeiro jogo oficial de futebol feminino há 133 anos. Rio de Janeiro, 2018*”. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/03/23/a-importancia-do-primeiro-jogo-oficial-de-futebol-feminino-ha-133-anos.ghtml>>. Acesso em 27 de outubro de 2022.

BBC News, Brasil. 01 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62356360>. Acesso em: 07 de março de 2023.

BROCH, Marina. “*Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero*”. Universidade de Passo Fundo – UPF, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283/27775>>.

Acesso em: 10 de março de 2023.

CAMPOS, Renan Assis. “*O Contrato de Trabalho do Atleta Profissional de Futebol*”. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC. Barbacena, 2013.

CARLISLE, Jeff. “*Federação americana promete acabar com a diferença salarial entre as seleções feminina e masculina*”. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/9969050/estados-unidos-anunciam-acordo-r-122-milhoes-para-igualdade-salarial-selecoes-masculina-feminina-futebol. Acesso em: 28 de setembro de 2022, às 14:00.

COUBERTIN, Pierre. *Revista Educação Physica* n.º 21, agosto de 1938.

DELGADO, Maurício Godinho. *Curso de Direito do Trabalho*. 7.ed. São Paulo: Ltr, 2008.

ELIZABETH R. “*Message of congratulations from The Queen to the England Women’s Football Team*”. 31 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.royal.uk/message-congratulations-queen-england-womens-football-team>. Acesso em: 03 de março de 2023).

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. “*Estatutos de La FIFA: Reglamento de Aplicación de los Estatutos; Reglamento del Congreso*”. Zurique: FIFA, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2XudEhp>. Acesso em: 24 de junho de 2022.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição e CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. “*Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos*”. *Revista Eptic*, vol. 18, 2016.

“*Jogadoras emitem carta aberta à CBF cobrando melhores condições*”. 2017. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-feminino/jogadoras-emitem-carta-aberta-cbf-cobrando-melhores-condicoes/>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. “*Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos EUA*”. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESTELMAN, Amanda. “*Emocionada, Marta dá recado a jogadoras mais novas: “o futebol feminino depende de vocês”*”. *Globo Esporte*, 2019. Acesso em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/emocionada-marta-lamenta-eliminacao-e-da-recado-a-novas-jogadoras-o-futebol-feminino-depende-de-voces.ghtml>. Disponível em: 28 de dezembro de 2022.

KLEIN, Alicia. “*Pagamentos iguais no futebol dos EUA: equidade na marra, justa e necessária*”. UOL. Maio, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/alicia-klein/2022/05/18/pagamentos-iguais-no-futebol-dos-eua-equidade-na-marra-justa-e-necessaria.htm>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

MAIA, Anna Beatriz Grangeiro Ribeiro. “*Ambiente Institucional, Futebol Feminino E Desempenho Organizacional Dos Clubes Mais Fortes Do Mundo*”. Fortaleza, 2021. Disponível em: <

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/59749/3/2021_tese_abgrmaia.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2023.

MAIA, Mayara Cristina. “*(Des)impedimentos no futebol de mulheres: Coloradas e gremistas de volta aos campos*”. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230872/001132150.pdf?sequence=1>. Acesso em 08 de março de 2023.

Magalhães, Bonfim, Soares, Silva. “*Campeonato de Gênero: uma Comparação entre Eficiência e Salário de Jogadores e Jogadoras no Futebol Profissional*”. Revista Intercontinental de Gestão Desportiva. 2021, Vol. 11, e110019. Disponível em: <<http://www.rigd.periodikos.com.br/article/10.51995/2237-3373.v11i3e110019/pdf/rigd-11-3-e110019.pdf>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

Megan Rapinoe em entrevista à ESPN. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/9969050/estados-unidos-anunciam-acordo-r-122-milhoes-para-igualdade-salarial-selecoes-masculina-feminina-futebol). Acesso em: 28 de setembro de 2022, às 14:00.

MIRAGAYA, A. “*A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. Fórum Olímpico*”. Rio de Janeiro, 2002.

Mkt Esportivo. “*EUA aprova lei para igualar salários de homens e mulheres no esporte. Projeto aguarda sanção do presidente Joe Biden e envolve 50 órgãos reguladores do esporte no país*”. Disponível em: <<https://www.mktesportivo.com/2022/12/eua-aprova-lei-para-igualar-salarios-de-homens-e-mulheres-no-esporte/>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

MOURA, Eriberto José Lessa. “*As relações entre lazer, futebol e gênero*”. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Unicamp, Campinas, 2003.

Regulamento de Licencia de Clubes. “*Confederação Sul-America de Futebol (CONMEBOL)*”. Disponível em: <http://bit.ly/2HY6w7Q>. Acesso em 24 de junho de 2022.

STEIN, Leandro. “*‘It’s Coming Home!’: A Inglaterra vence uma memorável final contra a Alemanha e é campeã da Euro Feminina*”. Trivela, 2022. Disponível em: <https://trivela.com.br/futebol-feminino/eurocopa-feminina/its-coming-home-a-inglaterra-vence-uma-memoravel-final-contr-a-alemanha-e-e-campea-da-euro-feminina/>. Acesso em: 03 de março de 2023.

WIKIPEDIA. “*Futebol feminino*”. Abril, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_feminino>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.